



## O MAGICO.

---

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro etc. Comp, rua d'Alfaudaga n. 135.— Assigna-se a 500 rs. por mez.

---

DOMINGO 2 DE MAIO DE 1852.

---

### O PASSEIO DOS TREZ OU UM ROMANCE A' MODA

---

(Continuação do n. 23.)

— Dexemo-nos de vernizes. A França não é republicana. Quem sabe se não hade cedo realisar-se a predicção do velho Marquez! (\*)

— Entretanto, meus amigos, é o governo apontado primeiro pela mão de Deos. Esses que nós chamamos selvagens porque não conhecemos as suas instituições, ou porque temos o pensamento egoista de que a nossa civilisação é a unica, esses são republicanos. E são tão felizes!

— O governo de Deos é o da familia, em que é preciso um centro, para onde convirem todos os raios de um circulo immenso.

(\*) O Marquez de Maricá nos seus sabios joizos prediz a curta duração da republica Franceza.

E onde isto é melhor executado — na republica, regida e calçada por uma unica vontade, ou no governo monarchico, onde são contrabalançado todos os poderes! Demais, os extremos são posições perigozas: a republica é um systema, e por isso mesmo exclusivo: o exclusivismo é inadmissivel: a forma adoptada deve ser a monarchica que é o eclectismo em politica.

— Meu Deos, que beleza! disse inexperadamente Leonardo, mostrando aos companheiros a figura angelica de uma bella jovem.

— E mesmo! confessarão os dois.

E em um instante tinham mudado de conversa.

## VI.

— Não é possível, dizia uma vez entusiasmado Leonardo, não é possível que um homem deixe de ser poeta á vista de tal objecto! como deixar de inspirar-se a um quadro tão animador!

Estas ultimas palavras proferidas em um tom quasi solenne, que atrahio as attensões dos outros dois amigos.

— De que trataes Leonardo?

— Oh! pois não vez, estúpido cego, a amenidade deste arvoredo, com seus esqueietos carcomidos a balançarem-se magestosamente ao sopro do norte?

Já tinham chegado ao delizioso sitio de matacavallos, quando o extatico admirador da natureza fez os seus compnheiros contemplar o bello arvoredo que rodêa o monte, cercado em parte pela rua de Matacavallos.

— Com esta inspiração não ha ninguem que deixe de ser poeta...

— Ah! ainda crês em inspirações!

— Como não? oh! senhor; é até sacrilegio pensar de outro modo. Negar a inspiração!

— Eu não vou aos dois extremos, sahio-se então Augusto, que até ahi não havia entrado na questão: entretanto não vou muito contigo, Leonardo. A' vista de um grande espectaculo, de uma qualquer scena prodigiosa, o homem como que se abisma n'um extase que elle não percebe contempla insensato e não mede a extensão de seu pensamento. E nem neste cazo pode desenvolver-se a reflexão?

— Para a poesia é preciso concentração. Embora essas vaãs opiniões que pretendem que o pensamento se desenvolva á sombra de uma arvore, e á margem de um rio, ou á beira de um precipicio; deixemos isso: o poeta forma-se no gabinete, no silencio, no divagar da ideia, sonhando ou recordando quadros.

— Pois não é mais natural que a alma do poeta seja abalada por commoções sensiveis, que a absorvão, do que n'auzencia dos objectos que lhe podião despertar essas commoções?

— E' um engano. Quantas vezes em uma noite escura o poeta descreve o alvorear da manhã, o dourado do sol, o gorgear das aves; elle que não vê mais que trevas, tristezas, ou o piar de alguma ave agoureira? Será que um dos extremos faça-lhe recordar o outro? E quantas vezes tambem, n'uma aurora de delicias, elle pinta o negror de uma noite de tempestade, o estallar dos raios, o lascar das arvores á força da ventania? E' que elle vê o quadro pelas costas, e advinha o lado opposto. Perguntem ao Sr. Garret onde elle bebeo as inspirações dos palacios encantados, e dos esqueletos a voarem da sua tão admiravel D. Branca?

— Escutem-me. Ninguém duvida que o Corcovado é um dos lugares do Rio de Janeiro que possão atear mais sensações. E com effeito, do pincaro desse monte' olhando para o precepicio que se estende a seus pés, e oceano que se figura vasto como o Ceo, ninguém pode abafar em sua alma uma destas impressões sublimes, que o homem não pode deffinir. Pois eu fui á maneira de aventureiro, suppondo que abalado profundamente, poderia entoar um cantico soberbo. Voces sabem que poeta não sou eu. Pois bem; levei todos os preparativos, cheguei ao cume do serro, olhei, admirei-me por muito tempo, e voltei sem saber o que tinha visto. Eu pensava, e muito; tinha ideas quaes nunca as tive: mas quando dei acôrdo de mim estava já em baixo, e ainda tinha na mão um lapis e um papel branquissimo — nossa unica ferramenta.

— E é assim. O Dumas, e é o Dumas, diz que para se compor é precizo, estar-se entre paredes bem estreitas, e sob um baixo tecto; e já houve quem dicesse que para grandes recordações era necessario estar sem luz, e de mais a mais com os olhos fechados: e até dormindo!

— Bella theoria!

Em ar de gracejo. O rapaz nunca se deixa vencer; quando lhe faltão argumentos para sustentar a sua doutrina, ridicularizão a do contrario, ou acaba com um dito ironico.

— E a questão terminou.

## VIII

Mudando sempre de conversa, e passando successivamente de uma a outra questão, proseguirão os trez o seu não premeditado passeio. Estavão de continuo a questionar, e as vezes era tão animado o debate que paravão, formavão grupo, e demoravão-se por muito. Buscava sempre algum delles contrariar a seus companheiros, só para abrir discussão, embora estivesse assás convencido de que sustentava absurdos.

Quasi nunca são concordes os pensamentos *rapazaticos*: em qualquer couza achão ponta, e pachão por ella até arremental-a.



Experimentem, e verão que é assim.

Mas de subito um acontecimento imprevisto veio embriagal-os em reflexões, que, graças a Deos! erão bem concordes. Nem podera deixar de o ser.

Recostada a uma janella, e como que meia descuidada, brincava innocentemente uma bella com uma das suas luvas, mimosas como as suas mãos!

Quanto era arrebatador aquelle anjo, como que esquecido da vida, sorindo-se sem pensar, desprezando talvez os primores que o passageiro adorava como divinos!

E como não! Bella, qual nunca a tivera sonhado uma vizão de poeta, indaa mais elegante que a *Esmeralda*, com seus negros cabellos cuidozamente á italiana, sua cor amorenada, e uns olhos onde morrem todos os dezejões, onde fervem todas as paixões, onde morão todos os amores. Bella! bella, como a estrella do Ceu, que reflecte envergonhada a sua luz fugitiva! Era uma destas imagens que o poeta vê por instantes, que o arrouba ao vel-a, mas que não pode pintar, porque essa figura divina vem ainda depois transportal-o para um mar de recordações, para um extase em que elle se esquece do mundo, de si proprio, e fica como que insensato com aquella imagem que se lhe afigura n'alma!

Bem precisamente quando os trez mancebos passavão por de-frente dessa bella dama, succedeo cahir-lhe uma de suas luvas; e um dos moços deo-se por muito feliz pelo successo, porque elle teve a ventura de apanhal-a. Muito feliz, porque esse serviço foi retribuido com uzura: a moça desprendeo de seus labios um terno — obrigada — acompanhado de um matador volver d'olhos.

Havia n'aquelle meneio um não sei que de celeste; era uma expressão surda, mas que fallava muito mais que qualquer guindado discurso. Era um sentimento partido d'alma, grande e eterno, como um fallar do coração.

E esse — obrigada — foi pronunciado com tanta temidez, que fez enrubecer as faces da linda jovem. E a manifestação desse poder, e esse corar repentino, tornou ainda mais bella a nossa jovem [brazileira.

Quanto era encantadora!

## VIII

O magio volver d'olhos de uma bella é, abaixo de Deos, a maior potencia que existe no mundo.

## IX

— Com effeito, Augusto, tiveste uma gloria que poderá reputar um dos mais bellos episodios da tua vida.

— Oh! aquelle olhar matou-me!

— Foi uma verdadeira felicidade.

— Foi uma ovação!

— Antes isso, que entrar em Roma com a fronte laureada, montado em um carro de triumpho. Não é assim, bacharel? Entretanto, prosseguia Gustavo, um tanto despeitado pelo accidente de seu collega, eu posso ser ainda mais feliz.

— Como?

— Não é tão linda aquella moça?

— Como a virgem!

— Reparaste n'uma violeta que ella traz ao cabello?

— Deixa me por a luneta.... responde Augusto voltando-se para encarar a moça: que linda violeta!

— Pois aquella flor pode ser minha.

— Isso é impossivel.

— Muito impossivel, impossibilissimo, diz Leonardo que até então estava calado, tinha seguido pensativo a aventura de seus companheiros.

— Não é impossivel.

— Isso é palanfrario.

— E' que elle não é capaz de ter aquella violeta.

— O que aposta?

— O que quizer.

— Bem, Gustavo, se tiveres a violeta pagar-te-hemos um almoço no Pharoux, e se a não tiveres ficarás obrigado a publicar o trimestre de um jornal litterario. não é assim, Leonardo?

Este fez um signal de affirmção.

— Aceito, concordou Gustavo.

— E' o que havemos de ver, concluirão os dois.

— Entretanto, já vai anoitecendo, e eu tenho amanhã sabbata de chimica.

— E eu tambem.

— Pois vamos para caza. Mas amanhã, meu caro Gustavo, eu quero a resposta da tua — violeta.

— A qualquer hora.

## X

Erão trez horas da tarde. Gustavo estava em sua caza, a mesma de que fallamos no segundo capitulo. Fazendo gestos, contrahindo as feições, ora tomando atitudes tragicas, ora surrindo-se furtivamente, escrevia e escrevia muito. Depois lia o que tinha escripto, saptisfazia-se e dizia:

— Está bonito.

---

*Continua*

## SENTIMENTO E AMOR,

Melhor do que nós poderião discorrer aquelles que presentemente estivessem affectados de qualquer cauza sentimental, ou *amoruda*.

Se fosse possível reunir essa grande assemblea e ouvirmos o que cada um exprimia, e á maneira porque o fazia, seria de uma importância incalculavel.

Estar com *sentimento*, entendemos nós quando cá uma couza por dentro põe-se a corresponder a uma couza de fora: se é de dôr ficamos todos *capimelozos* todos *lagrimaticos*; se é de gosto, ou de amor o sentimento que nos affecta, seja qual for o objecto que o cauza, ficamos todo *derretido*, *dengoso*, *garrido*, e muitas vezes transportado a um hemispherio sublime, e só conhecido nestas occasões de delicias.

E' um dos grandes motivos porque não ha quem não queira ter *sentimento* ainda que seja produzido por um gole de agoardente, ou por uma doze de *Caba* pelo lombo, se porem é produzido pelo contacto de um corpo macio e perfumado, que affecta todos os órgãos, então é tão apreciavel como a eternidade o deve ser, quando for occasião de a experimentarmos, E' a propriedade que tem o sentimento — fazer o gostoso desde que se começa a sentir a influencia de qualquer cauza que nos affecta.

Ora, nós que temos experimentado diversos sentimentos soffrido milhares de sensações, e conhecido suas differenças, queremos o *sentimento* no ultimo cazo que o apresentamos.

Quem ha por ali que tendo a cabeça no seu lugar que não queira sentir-se affectado por uma couza boa? quem ha que não queira experimentar um *sentimento* mesmo produzido por uma boa *carraspana*, ou as delicias produzidas pela inchação do estomago em um bom jantar, na caza, e em companhia de amigos, amigos todos da *bambochata*? Se houver quem pense assim estou eu com elle; pode dar tudo bom, e que possa produzir bons sentimentos que mudo-me, vou viver com elle.

O amor — isto agora é outra couza, mais comprida, mais complicada, cheia de folhos e refolhos; porem nós vamos tambem meter neste assumpto o nosso nariz. O amor é para nós o sentimento mais nobre, mais elevado, e que mais nos ajunta as propriedades com que o Criador quiz assemelhar a humanidade a si. Mas digão, ha couza melhor do que ter-se um amorzinho? Digão os rapazes, as raparigas claras, escuras, morenas, palidas e de todas as cores? ellas que digão se não é bom ter-se um amorzinho seja de que feitio for, a cor se lhes queira dar, mas que seja *repinicado* gostoso, terno, mimoso, e até mesmo libertino?

O amor divide-se em umas poucas de ramagens, em uma porção imensa de variados sentimentos, mas é elle o pharol que



encaminha tudo isso. Cada um sente o amor a seu modo; uns tem arrebatado, imperiozo e tresloucado, outros terno, derretido, e maviozo, outros lascivo, descarado, até mesmo immoral; mas isto é maneira de cada um, e nunca a couza em si; porque em cada um destes diversos *amurudos*, se encontra um defensor acerrimos do objecto de seos amores. Em ambos os sexos é a mesma couza; quando são atacados por esta enfermidade, todos ficão como as crianças, sentem e querem só gozar sem reflexão e sem calculo. Então é porque o amor é gostozo!? Se é; diga lá quem o tem sentido e gozado em todas as epochas de sua vida.

Ainda temos muito *sentimento* e muito *amor*, até outra vez.

Rodrigues Silva,

---

### S. D. P. AMAZONAS.

Em fim chegou a noite deleitoza! depois de tantas tempestades e contratempos, uma delonga bem fastidiosa, levou a sociedade — Amazonas a sua recita à scena.

Entremos pois no desenvolvimento do que vimos, e do apreço que lhe demos.

O Theatro achava-se bem adornado; em cada ordem de camarotes havia duas ordens de bambinellas de damasco, outras de seda de bem combinadas cores, e um ramo de flores naturaes em cada uma das separações de um camarote a outro. Estes ramos desaparecerão como por encanto apenas se findou o divertimento. Só dahi a pouco viamos cada familia levando o seo cavalheiro ou um criado a carga de um desses ramos. Logo percebemos que seria para esse fim que terião depositado nesses lugares um ramo de flores para rivalizar com as bellas; pois, melhores ramos tinhão, aquelles camarotes que mais mimosas e gentis damas apresentavão.

Havia demonstração de boa vontade e gosto, porque tanto os camarotes como a platea e cadeiras, tudo estava cheio de possoas conhecidas e de boa qualidade. Brilharão os socios. — As encantadoras também brilharão, fazendo um contraste entre os seos adornos e vestuario. Do lado direito da entrada brilharão os semblantes encantadores e as formas elegantes por sobre os vestidos brancos, do outro, aqui e ali sobresahião as cores escuras e mesmo a preta do vestido de muitas bellas sobre tudo na segunda ordem. Ficariamos mais contentes se mais perto estivessemos. A segunda ordem, de qualquer dos lados, estava tão cheia desses ladrõesinhos que roubão o coração da gente, que parecia castigo! Nós perdemos o equilibrio tudo por causa de uma morena, de uma clara, e..... de todas a fallar a verdade: até mesmo as velhas.

Nada diremos sobre a escolha da peça e farça, porque isso foi sempre do gosto de quem as quer levar, ou de quem dirige uma sociedade. Trataremos somente de seo desempenho.

O Pirata Antonio mostrou interesse pelo seu papel, e mostra gosto e habilidade, achamos porem que se encoihe muito e que essa posição o enfeia, e algumas vezes fazia esquecer a sua natureza. Não diremos que seja affectação, mas julgamos a proposito observar-lhe isto? porque, quem sabe para que veio? quem pode prever o futuro? Um moço com a inclinação e natureza que tem o Pirata Antonio não poderá ainda a vir a ser um ornamento?

O Conde esteve frio ao principio, mas acabou bem, deve sempre estudar melhor, para nos dar ainda mais gosto. O Lambert com sua voz pausada não é mau para os papeis em que o temos visto representar, tem a fortuna de ser optimo nos seus transportes. A escrava, alem do defeito natural que tem sua voz, não illudia bem deixando-se conhecer que era homem. Deva se compenetrar melhor do seu papel, em verdade não lhe achamos muito geito para mulher. Tudo o mais foi regularmente bem. O divertimento encheu e satisfiz bem aos convidados.

Damos os emboras ao Presidente e mais membros da sociedade esperando que continuem a nos dar noites como essa. Ao ensaiador e à rapaziada que concorreo de bom grado para representar em outra sociedade que não a sua, damos um abraço em signal de agradecimento, e uma incapacelação n'aquelle sapateiro que se apresentou na farça com uma cara de demonio.

*A senha.*

---

### CHARADAS.

Maré cheia — grande calma — 2  
Bravio touro tu ves — 2  
Forte e rapido soido  
Convertendo quatro em trez.

—  
Ou verbo ou preposição — 1  
Tão fiel, como leal — 2  
E' mineral muito rijo  
E o vermelho é que mais val.

D.

NB. Promettemos um charuto de encher as medidas ao *Doctor Doctus Marmota*, si elle proprio (*prospero*) resolver estas charadas.

---

A significação da charada do n.º antecedente. — é, pagod e

---

TYP. DE E. A. RIBEIRO E COMP. RUA D'ALFANDEGA N. 135



dro invente um meio de livrar o publico de semelhante praga, ao menos para que não se assente cada um em cadeiras de palhinha por tão alto preço. Irra! e depois nem cadeira, nem dinheiro! Tambem a fallar a verdade o publico em parte é culpado disto; porque devia uma vez por todas, não comprar um só bilhete que estivesse em mão desses patucos. E que boa entrega! — Olha, viste aquillo? Que boa cabeçada! estes capoeiras são nossos pecados! maldicta raça e assim do pé para a mão vai qualquer levando sua *espetada*, e fazendo ablativo de viagem para o mundo das incognitas. Eu cá puchando a bambolina era de opinião que se fizesse um sarilho, que era meter toda a policia entre estes *mitrados* em occasião de briga a ver o que surdia. Eu queria estar de parte [a] observar o pagode.

• Ainda temos mais outras vistas que vão apparecendo. Vês aquelles dois a se insultarem reciprocamente, é por dinheiro; está sabido. O que grita mais é o sapateiro que fiou daquelle empre-silhado já uma boa meia duzia de pares de sapatos, e até hoje nada de cobres! A maneira é boa de andar calçado. Muita gente bem pouco se importa com o trabalho alheio, com a recompensa do suor do pobre, com tanto que tire de qualqner destes algum proveito, Rapziada até mais ver. Arrebentou-se a corda, ja não posso puchar.

Virei uma cambalhota  
Estou de pernas ao ar

O pucha vistas.

---

## COMMUNICADO.

*Sr. Redactor do Magico.* — Por acaso tendo vindo parar-nos ás mãos alguns ns. da *Marmota na Corte*, levou-nos a curiosidade ou antes o enfado a lê-los; e deparámos no n.º 210 de 19 de Outubro de 1851 entre outras raridades uma advertencia ao *illustre* redactor do *Periodico-pobre* pedindo-lhe não publicasse artigo algum da *Marmota* sem escarrapachar este nome em letras garrafaes no fim. Ora, nós lembramo-nos perfeitamente de que na *Marmota* da Bahia (que então era a *verdadeira* e *genuina*, por isso que no seu frontispicio estava o Sr. Prospero, se publicavão muitas vezes decimas &c. etc. de *Oliveira* e outro, não com a palavra — *Extr.* — que seria desculpavel, mas sem a signatura, de modo que vinhão apparecer partes do Ilm. P.; todavia calamo-nos por que... *agoas passadas não toçao moimho*. Mas qual não seria a nossa admiração lendo em um n. publicado depois d'aquelle que trazia a supradita advertencia, uma poesia sem nome de autor nem declaração de *extr.*, por fórma que parecia ser da lavra do *illustre* redactor? Fallamos do n. 229 e da poesia que traz por titulo, "Improvizo de um amante etc." O Sr. P. quiz fazer como alguém que entra na

redacção d'um celeb e *Album* que ali se publica; o qual *alguem* copiou uma poesia d'um periodico portuguez não declarando ser *extr.* e ainda mais em lugar da assignatura do autor. — A. X. Rodrigues Cordeiro. — escrevendo some te — *Cordeiro* — vinha mesmo como um *Cordeiro*, com pés de *lan*, a passar por autor da obra que não era sua... e muitos que o não sabião havião de comê-lo por bonito autor!...

Pois, Illm. Sr. P., saiba que essa poesia que V. S. intitula "Improviso de um amante" foi publicada em 1848) julgava que ninguem daria fe da cousa?) na *Violeta* n. 8, periodico de S. Paulo, e d'este modo:

A inocencia do beijar. (Offerecida a F. M. V. V.)

*Desiste, Amalia divina,*

*Deste teu casto pudôr:*

Não beija' *avesinha* flor?

Não beija a Aurora a bonina?

Quando o sol meigo s'inclina,

Não beija as ondas tambem?

Si o amante em beijar tem.

O prazer mais innocente,

Querida Amalia, consente:

Deixa beijar-te, meu bem.

O.

Vê, Illm. Sr. P.? entende o que querem dizer aquellas palavras em griffo e aquella assignatura? Querem dizer que V. S.... quiz que a obra parecesse sua e por isso nem assignatura nem *extr.* Pois, meu caro Sr., quem o alheio veste na praça o despe. E para concluir diremos que o Sr. quiz *tosquiar* e mereceo ser *tosquiado*.

---

## MISCELLANEA.

Os aspirantes a guarda Marinha na sua Academia de terra hoje à custa de não sei que maneira de educação levão a fazer diabruras ou judiarias (ou como na molecagem melhor nome tenha) a quem vai passando pela ladeira da Prainha onde está estacionada agora essa nau cheia de gente. Como ia dizendo, passamos e um delles atirou uma bota velha cheia de urina podre que exalando um fedido insupportavel, respingou em todos que passavão. Veio-nos uma tentação e dicemos — "O' lá da *Cumi-eira*, do Ceo nunca choveu urina, se não tem onde despejar, torne a beber."

— Consta que está para nascer uma couza extraordinaria nunca vista.

Na rua da travessa da esquina caza n.º 5 em frente ao largo do lado direito, em frente a outra do outro lado e para baixo da que lhe fica mais acima um bocadinho, ahi.... ahi é

que é a couza. Trez mulheres e trez homens cada um é dono do que lhe pertence, porem um *capote* que melhor sabe disso do que eu avizou-me que não passasse que erão capazes de me filtrar algum cobre... upa vá de *retro*, não me *mordas*.

— Hontem em certa rua estava um grande ajuntamento, houve quem pensasse que era alguma desordem ou busca ou outra qualquer couza seria, entretanto era uma *briga de gallos*!

Ora esta gente é ainda muito pateta.

— O tal padeiro ainda continua a levar as meninas para os biliquetes. Sr. P. Sr. P. olhe tambem lhe podem amassar o lombo se V. S. padeira não toma caminho. Destes mentores não precisamos nós cá, já temos demais nas quitandeiras onde V. S. padeira deve fazer o seu filé.

— Foi muito engraçado encontrarmos alguns oito pecoruchos destes ultimos chegados, serião sete horas da noite e fazia luar, e todos elles com seu cigarrinho na boca! Oh! tão cedo! estão fazendo a segunda parte dos nossos moleques. Maldito vicio que é tão contagiado! ... tão depressa talvez não pegassem no trabalho.

— Ha uma pessoa empregada e zeladora da .... que tem uns olhos de tal qualidade, que são capazes de .... estando elle, de dia e de noite, parado na esquina da rua do Aljube e Conceição, os seus bons olhos encherão toda á Freguezia, e não se faz pouca porcaria, porque quando elle olha para diante tem o privilegio exclusivo de olhar para traz tambem.

— Bem dada encapelação se fosse possivel triumphar-se na quelle que por malcriado não nos corresponde a um cumprimento; isto nos devia acontecer se não tivessemos a desgraça de esbarrarmo-nos com uma velha de mantilha. Implicantes *baratas*!

---

## VARIEDADES,

### CURIOZIDADES.

#### *Perguntinhas d'algibeira.*

— Porque motivo em todas as lojas de barbeiro hade haver algum soprador ou esfregador, ou antes, que relação haverá entre a muzica e a arte de rapar cabelo (e dinheiro) á gente (e tambem ás vezes a *animas*)? Pobre muzica! Como es malfadada no Rio de Janeiro! Estropião-te, matão-te, damnão-te ... e estropião, matão e damnão as orelhas dos ouvintes! ...

— Porque motivo terão muitos charuteiros d'esta capital ( que já são em copia estupenda ... ou estúpida?!) um grande sol á porta com o letreiro: "O sol quando nasce, nasce para todos,"?

Que relação haverá entre o charuto que é uma couza comprida e ás vezes grossa e o sol que é uma couza redonda e papuda? Ah! talvez queira isso dizer que como o sol nasce para



todos, tambem o dinheiro deve ter nascido para elles... O que é facto é que o n.º das cazas de charuteiro já é tão grande como o dos collegios: é uma prova de progressos... E o exercito precisando de soldados!...

— Porque motivo o heroe de Marengo e Austeroitz, o grande Napoleão passou de guerreiro a vendedor de chaufos? Dar-se ha cazo que tendo dado com tudo em droga e querendo fazer tambem que os outros dêem á casca, mudasse o local da sua prizao para a rua do Ouvidor e transformasse os páos furados em charutos, as espadas velhas em cachimbos e a polvora em phosphoros?....

— Porque será que ha tanta carne putrida por esses açougues e por esses armazens de carne secca? Será porque os Srs. Fiscaes, logo que tomão este posto, perdem o *sentido* do olfacto ou entupem as ventas com alguma couza cheiroza e não sonante, ou sonante e não cheiroza?...

— Porque motivo está há tantos annos sem ser rebocado o edificio das obras publicas na rua da Guarda Velha? Será por medo de que offusque a vista de quem é cego ou d'aquelles que por ahi vão, ou será para não tapar os buracos das paredes, o que faria mal ás *andorinhas* que tem ahi seus ninhos?... Ou será para que enfim exista um perene padrão de todas as nossas obras publicas? ...

DM.

---

## CHARADAS.

— *Materia imponderavel* —

Se diz o dia, a vida, a intelligencia — 1.

Signal, indicio, marca conhecida — 4. e 3.

Que anima o bravo, que o cantor eleva — 2. e 4.

Tu o cantaste — tão famoso peito —

E mais o tinhas, ó Guerreiro Vate!

E o teu bronzeo coração, Affonso,

Tambem o era — que inscreveste as Quinas

N'esse estandarte.... — Outr'ora grande nome!...

Quatro centas e uma vez

Que lh'o disse e não me ouviu... — 2

Nem respondeo com um só dito

Aquillo que bem ouviu — 2

Mas responder não podia!

Mas nunca uma vez ouviu!...

D.